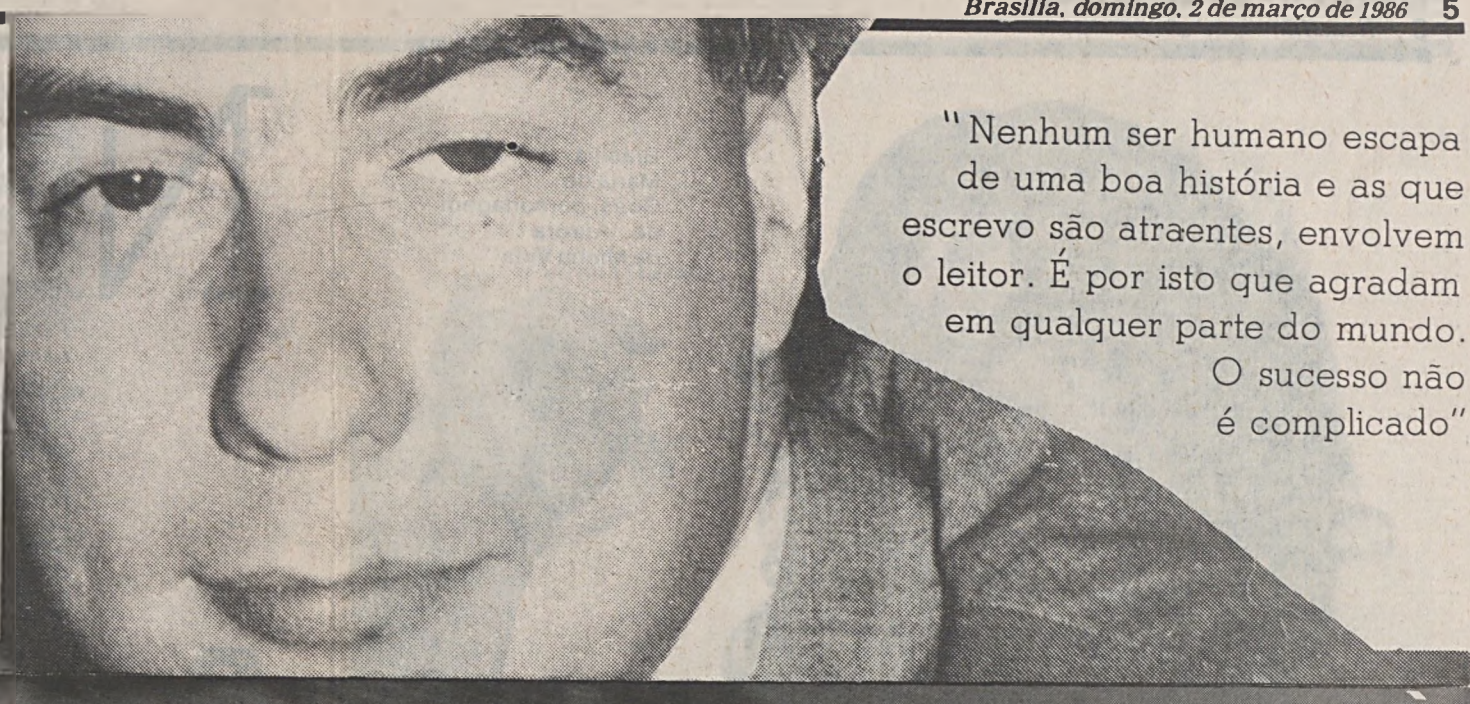


LITERATURA

# Ken Follett: seco, sóbrio, milionário



"Nenhum ser humano escapa de uma boa história e as que escrevo são atraentes, envolvem o leitor. É por isto que agradam em qualquer parte do mundo. O sucesso não é complicado"

MARLI BERG  
Especial para o  
CORREIO BRAZILIENSE

Cinco anos depois, desiludido, Ken começou a escrever livros por hobby. "para passar o tempo" e, por coincidência, o primeiro publicado se chamava "A Grande Agulha" que, segundo ele, nada tem a ver com o que transformou sua literatura em best-seller mundial, "O Buraco da Agulha", em 1978.

Lacônico nas respostas, reto de raciocínio, Ken é casado, tem dois filhos e não reclama mais do fracasso como jornalista. "Tenho o consolo de que, ao chegar aos 75 anos, poderei continuar escrevendo, o que seria impossível se tivesse permanecido na condição de repórter, que exige físico e locomoção".

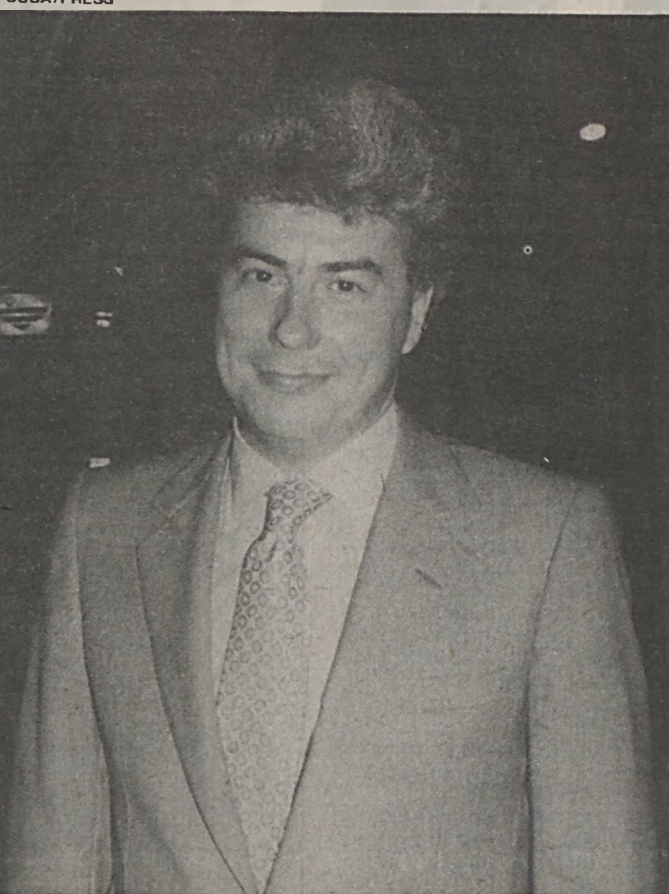
P — A sensação de que sua vocação não era o jornalismo, depois de ter deixado a Filosofia, na qual se formou, o deixou deprimido?  
Follet — Razoavelmente, mas não durou muito, porque comecei a escrever livros para me distrair e passar o tempo. Até que um deles foi publicado e me convenci que o caminho a seguir não era o jornal, mas o livro. O que se há de fazer quando se reconhece ser um fracasso em determinada atividade? Pular para outra.

P — Quantos livros publicou até tornar-se sucesso mundial?  
Follet — Exatamente dez. O décimo-primeiro, que no Brasil se chama "O Buraco da Agulha", teve uma repercussão enorme, especialmente nos Estados Unidos, que, aliás, é o país que mais vende meus livros, vindo em segundo lugar a Itália. A partir daí, tudo ficou fácil.

P — E você passou a viver de literatura?  
Follet — Sim, não tive mais preocupações financeiras, pois o livro espalhou pelo mundo e veio dinheiro de todas as partes. É claro que há lugares em que agrada mais, outros menos, mas isso é normal e natural.

Britanicamente seco, um dos escritores que mais vendem livros no mundo, depois de 1978, Ken Follet nasceu no país de Gales em 49, estudou Filosofia na Universidade de Londres, e ao terminar a faculdade, foi ser repórter do jornal de sua cidade, o "South Wales Echo". Depois de muita batalha, conseguiu um emprego no "Evening News", em Londres, e pensou que, a partir daí, seu sonho de se transformar num grande jornalista, seria realizado.

SUSA/PRESS



P — Em que países existem livros de Ken Follet?  
Follet — Oh, posso dar uma verdadeira lista: França, Itália, Espanha, Portugal, Alemanha, Holanda, Noruega, Suécia, Dinamarca, Finlândia, Japão, Brasil, Argentina, México, Estados Unidos, Turquia, Jugoslávia, Polônia e Hungria.

P — Quantos livros você já vendeu, no total?  
Follet — Creio que em torno de 25 milhões de exemplares ao redor do mundo. Bom, não? Como explica o sucesso em lugares tão diversos, entre povos de tal forma diferentes?  
Follet — Nenhum ser humano escapa de uma boa história e as que escrevo são atraentes, envolvem o leitor. E por isto que agradam em qualquer parte do mundo. O sucesso não é complicado.

P — Qual o método que usa para escrever?  
Follet — Tudo começa, apenas, com uma idéia, sobre a qual trabalho durante 6 meses, cuidando, especialmente, da trama. Ai faço um roteiro de 10, 20 páginas e começo a detalhá-la, reescrevendo-as quantas rias, entro na feitura do livro propriamente dito, que é realizado em duas vezes. Faço a primeira versão e a mostro a meu editor agente. Ele lê e dá sua opinião. Só então é que redijo a versão final, que irá para as livrarias.

P — Nas novelas de grande sucesso na TV, há sempre histórias paralelas em torno do núcleo central. Qual sua opinião a respeito?  
Follet — Podem funcionar na televisão, mas se eu decidis escrever a história de João e Maria, sigo por aquele caminho até o final.

P — Seu último livro, "Na Toca do Leão", se passa no Afeganistão. Você recolhe dados, pesquisa ou simplesmente faz ficção em cima da realidade?  
Follet — Há toda uma parte de pesquisa sobre o país, seus hábitos, as pessoas que nele habitam, seus costumes, enfim,

há boa dose de realidade. Mas a história é ficção pura.

P — Acredita que seus livros ficarão ou serão esquecidos com o tempo?  
Follet — Acredito que passarão. Veja quantos livros foram publicados no século XVIII: inúmeros. E quantos ficaram? E é assim que acontece sempre. Muitos aparecem, fazem sucesso e se vão. Pouquíssimos e raríssimos permanecem. Mas isto não me incomoda enquanto estiver divertindo pessoas com minhas histórias.

P — Qual o autor que mais influenciou seu trabalho?  
Follet — Ian Fleming e suas histórias de James Bond, sem dúvida alguma. Li tudo que ele escreveu quando era adolescente e o considero o máximo em matéria de suspense. Charles Dickens também é o objeto de minha admiração, da mesma forma como Jane Austen, que tiveram alguma parcela de influência em mim. Sem ligações profissionais, mas por amor ao que escrevem, acho Gabriel Garcia Marquez e Jorge Amado dois grandes escritores.

P — Ao longo de sua vida você assumiu alguma postura política ou só se preocupa em escrever histórias que agradezem e vendessem muito?  
Follet — Sou de esquerda, pertencente ao Partido Trabalhista Inglês e me considero um socialista, sendo da opinião de que é preciso muito trabalho para derrotar a Sra. Thatcher nas próximas eleições.

P — Há muitos galeses, escoceses e irlandeses descontentes com a dependência de seus países em relação à Inglaterra. Qual é sua posição a respeito?  
Follet — No país de Gales há pessoas interessadas no assunto, mas não são muito populares, não fazem parte de um movimento que sensibilize grande parte da população. De resto, não faria muito sentido esta independência. Para quê?

P — Como socialista, como vê a família real britânica?

Follet — O povo a admira, acha ótimo e não se importa de sustentá-la através de impostos. Para mim, isto não tem o menor sentido, mas como o dinheiro é deles, o que posso fazer? Nada. Então, é perda de tempo se preocupar com a família real inglesa.

P — Por que é tão lacônico e quase monossilábico na maioria de suas respostas?  
Follet — Quem eu? Ah, quando conheço pouco um assunto falo pouco sobre ele.

P — Mesmo quando se trata de literatura?  
Follet — Creio que sim.

P — Seu estilo vai mudar algum dia? Pretende enveredar por algum outro caminho?  
Follet — Não, porque o ideal é ser lido por milhares de pessoas e isto já consegui. Jamais faria livros herméticos, que não fossem de fácil acesso a todos. Quanto a histórias políticas, acredito que existem poucas. Eu, pelo menos, não as conheço em grande número. Além do mais, é preciso definir o que seria um romance político. Realidade, fantasia sobre ela? Não sei.

P — Da forma como fala, você coloca a profissão de escritor como a de médico, dentista ou engenheiro?  
Follet — Num ponto você acertou: escrever é uma atividade como qualquer outra, só que não se assemelha às profissões que você colocou, mas com a de arquiteto, porque quem escreve constrói tramas e pensa em todos os detalhes. E a trama é o que importa, foi ela quem transformou Shakespeare num autor tão importante.

P — É possível definir o processo de criação?  
Follet — Não porque ele é inconsciente.

P — É adepto da teoria de Freud?  
Follet — Qual delas? Ele tem tantas: Disse que creio no inconsciente, o que é muito diferente de ser adepto de tal ou qual postulada psicológico. Na

da de psicologia nem religião, comigo e, se algumas pessoas têm necessidade de crenças, eu não estou entre elas. Para mim, morremos e pronto. Em relação ao inconsciente é diferente: ele existe.

P — Como é que o dia de um escritor que já vendeu 25 milhões de exemplares?  
Follet — Acordo às oito, escrevo até a hora do almoço, descansando um pouco e vou até às quatro da tarde. Ai dou telefonemas, porque enquanto estou trabalhando, não permito que me interrompam. Aos sábados, trato de meus negócios, isto é, vejo contas a pagar, dinheiro a receber, cheques a preencher, estas coisas.

P — Você se assemelha, no estilo, a algum autor?  
Follet — Não sei, nem tampouco conheço os que têm estilo parecido com o meu.

P — Você é sempre calmo e controlado deste jeito. Nunca sai do sério?  
Follet — As vezes fico muito zangado. Os motivos? Os mesmos que aborrecem as outras pessoas.

P — Algum conselho a jovens que queiram se dedicar à literatura?  
Follet — Que sejam perfeitamente e jamais comecem erros.

P — Como é sua família de origem?  
Follet — Sou neto de pequenos comerciantes e filho de funcionário público.

P — Algum dia vai se aposentar?  
Follet — Creio que não, porque é possível escrever livros até a morte. Fui um fracasso como jornalista e, se você, por acaso, é um sucesso, está perdido, porque quando ficar velha vai ter que parar, pois não poderá se locomover nem agir com rapidez, enquanto eu, aos 75 anos, continuarei sentido, durante duas horas por dia, frente à máquina, criando traumas e histórias que serão lidas por milhares de pessoas.

## Livros & Autores

### O tenentismo

Uma das características do processo político na América Latina é a constante presença dos militares. Por que o Tenentismo: assumiu feição diferente das outras intervenções armadas no Brasil? Este processo desencadeado no passado está concluído ou suas ondas, como as de um lago, ainda se espalham? O desenvolvimento das relações capitalistas no campo e o seu aprofundamento na cidade têm algo a ver com o Tenentismo?

Este pequeno ensaio de autoria do consagrado historiador Nelson Werneck Sodrê, lançado pela Mercado Aberto, responde a estas e outras questões de forma clara e concisa.

Um texto necessário à compreensão não só do passado como do Brasil moderno.

### Os quatro cavaleiros de apocalipse

Os Quatro Cavaleiros de Apocalipse, do espanhol Blasco Ibáñez, editora da Nova Cultural, em tradução de Arsenio Mota, já está nas bancas.

Um dos mais populares escritores de seu tempo, autor de diversos livros de aventuras, Blasco Ibáñez foi, ele próprio, um aventureiro incorrigível: gabava-se de ser "um homem da pena e da espada".

A novela conta a história de um francês e um alemão que se casam com as filhas de um grande proprietário de terras d. América espanhola. As discussões entre os cunhados, sugerem um permanente conflito de visões do mundo entre a França e a Alemanha, o que teria tornado inevitável a guerra entre os dois países. O romance mostra, também, a influência da guerra nos diversos ambientes das classes altas europeias. Sua descrição do terror que se apodera da cidade de Paris ao tomar conhecimento da proximidade da derrota é magistral.



### POR QUE NÃO?

João Guimarães Rosa comprava cadernos, blocos e canetas para Vilma. Ela nos devolve livros. Depois de Antecedenças e Relembros: João Guimarães Rosa, meu pai (Prêmio Ensaio Biográfico do PEN Clube do Brasil — RJ e Prêmio Joaquim Nabuco da Academia Brasileira de Letras) a Editora Nova Fronteira está reeditando o também premiado *Por que não?* (Prêmio Afonso Arinos da Academia Brasileira de Letras em 1973).

Saudada entre outros por Austregésilo de Athayde, Geraldo França de Lima, Otto Lara Resende e Antônio Houaiss, Vilma é muito mais, que filha ou estudiosa e propagadora da literatura roseana: é escritora consciente e caprichosa em sua narrativa; artista que caminha sozinha, com suas próprias palavras e construções.

Os contos deste volume envolvem o leitor numa ambientação onde o mais importante é sempre a humanidade dos seres, percebida por tão sensível alma feminina. Sem exaltações nem polémicas, chela de apuro e leveza, sua linguagem penetra realidades familiares e se estende até nós, acordando-nos para as questões da vida e da convivência. Mais que inventiva é uma obra de descoberta e aprofundamento do homem e suas relações com o outro e com o mundo.

### Comunicação é mito

Baseado no fato de que o conhecimento humano é sempre limitado - a evolução do conhecimento coloca sempre o homem no limiar de novo desconhecimento e de que a crença é sempre mais firme que a convicção, o jornalista, escritor e militante político Artur da Távola mergulha na mitologia para demonstrar que

Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982), renovador dos estudos históricos e autoridade maior sobre os assuntos do Brasil Colonial e do II Reinado, tem seu nome inseparavelmente vinculado ao desenvolvimento das Ciências Sociais no País, ocorrido a partir da década de 30. Seu pensamento, construído ao longo de quatro e cinco anos de fecunda e ininterrupta atividade intelectual, passa agora a integrar a Coleção Grandes Cientistas Sociais, da Editora Ática S.A., com o lançamento do volume Sérgio Buarque de Holanda, organizado por Maria Odila Leite da Silva Dias, sob a coordenação de Florestan Fernandes.

### Psicanalise

A "Revista Brasileira de Psicanálise", órgão oficial, científico e informativo, está iniciando sua campanha de assinatura para o Volume XX — 1985 (Incluindo 4 exemplares: publicados em março, junho, setembro e dezembro; possuindo cerca de 150-180 páginas). Os interessados podem dirigir-se à Revista Brasileira de Psicanálise, Rua Sergipe, 441 — 5º andar — CJ. 51 (Tel. 256-3106) — CEP 01243 — São Paulo — Capital.

EDÍSIO GOMES DE MATOS

### O tempo, esse grande escultor

O desdobramento no tempo dos múltiplos aspectos da alma humana é uma das principais preocupações da grande dama da literatura francesa, Marguerite Yourcenar. Seu espírito humanista e sua escrita precisa e rigorosa nos conduzem a um passado remoto, minuciosamente reconstituído em Memórias de Adriano, ou a um passado mais recente, da crônica familiar, e em Recordações de Família (ambos publicados pela Nova Fronteira).

Essa reflexão sobre o homem no tempo, sobre a arte, a moral, e a história que está presente em cada um dos ensaios de O tempo, esse grande escultor. Um inventivo monólogo sobre a vida e a beleza posto na voz de Miguel Angelo, um flagrante do momento em que o cristianismo chegou ao Norte da Inglaterra, um enfoque do transtorno e do erotismo hindu, junto ainda com as memórias ligadas à gênese de outras obras suas (A obra em negro, por exemplo), são assuntos que compõem o variado mosaico centrado nos efeitos da ação do tempo.

### Max Weber e a política alemã

O objetivo deste livro de Jacob Peter Mayer, traduzido no Brasil por Ana Cândida Perez, é, editado pela UnB, é expor algumas das características essenciais da política alemã entre os anos 1880 e 1920. Os traços marcantes da vida política alemã durante este período podem ser focalizados na personalidade de Max Weber. Ele foi o mais notável político alemão do período pós-bismarckiano, tendo não apenas escrito sobre política, mas também, devido à qualidade de seus escritos e de sua atividade docente, "feito" político.

## Infanto Juvenil

Guido Heleno

### ARNALDO NISKIER



### Os partidos dos bichos

O PT, lá na selva é o Partido do Tatu, assim como PMDB ficou sendo Partido da Mata Democrática dos Bichos. O Partido da Floresta Liberal (PFL) tem no PC do B (Partido Comunista dos Bichos) um grande rival. O desmatamento do local onde moram é a razão que usa todos os bichos. Tigre, raposa, girafa e esquilos saltam daqui e dali para melhor participar, pois é tempo de Constituinte na Nova Floresta.

A Constituinte na Nova Floresta é um texto de Arnaldo Niskier, com desenhos do Maurício de Sousa. Aproveitando a onda da formação da próxima Assembleia Nacional Constituinte, este livro pretende levar às crianças alguns esclarecimentos sobre o assunto. O livro pretende divertir. Mas acho que ficou muito nas pretensões, apenas. O desenho do Maurício de Sousa está cada vez mais para Walt Disney do que para Jô de Oliveira. Até os bichos estranhos à nossa fauna (girafa, urso, leão, esquilo) prejudicam uma melhor comunicação com o leitor atento às nossas raízes. Lendo este livro, vendo suas ilustrações, infelizmente não somos tocados por um sentimento de brasilidade. A pasteurização da nossa cultura é um fato, agravado nos últimos 21 anos. É necessário valorizar nossa cultura, nossos valores, desde as comunidades rurais, da nossa fauna e flora. O livro é da Editora Nova Fronteira e quem quiser discordar de mim é só comprar, ler e enviar um novo comentário aqui para o CORREIO BRAZILIENSE.

## BICHO-DO-MATO

Eu não queria ler tudo, assim de repente. Mas comecei e não consegui parar. De página em página, ouvindo Tião contar os casos da roça, dos bichos, das coisas e das pessoas. Prosa boa de se tomar assento, esquecer o mundo. A irmã que casa-não-casa, o pai bravo, o irmão prerenque. Tudo é assim, uma maneira simples de falar, de contar e mesmo pensar. Gente da roça, acostumada a ver tudo e enxergar bem tudo. Por isso vamos ficando entretidos, grudados no livro, relendo páginas e saltando em um mundo bem nosso: eta Brasil!

Bicho-do-mato é um



livro da Martha Azevedo Pannunzio, uma escritora com formação em Letras, com outros livros tais como Veludinho e Os três capetinhas. A Martha, em seu texto, prestou uma homenagem ao jovem rural, ainda sob as comemorações do

Ano Internacional da Juventude. Estamos no Ano da Paz, mas os jovens continuam jovens e o livro constitui-se ainda em uma justa homenagem. Valendo também como uma oportunidade para os jovens urbanos de sentirem um pouco das muitas emoções daqueles que estão mais próximos à terra, às raízes e às nossas origens. Parabéns, Martha! Gostei bastante de seu Bicho-do-mato. Parabéns também ao belo trabalho editorial que a José Olympio vem realizando, à programação visual do Rui de Oliveira e às ilustrações litográficas do Henrique Lemes.

### Publicou, ganhou!

Atenção, de agora em diante, toda e qualquer publicação de conto, poesia, crônica ou comentário de livro dará a seu autor um livro como brinde. A oferta é do Ivan, lá da Livraria Presença. Falando nisso, todos estão convidados para a inauguração da nova loja da Presença, lá na 102 Sul, neste dia 5 de março às 19 horas. Vai ter música, poesia e tudo mais. Portanto, você que tem até 16 anos, mande seus trabalhos aqui para a nossa seção, colocando sempre o nome completo, endereço e idade. Se for publicado, você ganhou um livro. Não é uma ótima?

Gallileu, a onça brasileira, bem mãeira e mineira. Gallileu na turma do Pererê, nome de amigo para encantar olhares antigos e novos. Gallileu agora mostra-se em um pequeno livro, preso em suas próprias mãos (ou patas) para que ninguém perca ou roube. Armado como um "display", Gallileu fica em pé sobre uma cômoda ou na estante do quarto da criança. E livro e enfeite, brinquedo e encantamento.

A História do Gallileu tem texto e ilustrações do Ziraldo e fala da onça Gallileu em um dia que, sem mais nem menos, acorda sem suas pintas. Já viram como o felino, sem suas pintas, virá uma onça. Outras sete publicações, contando histórias de cão, coruja, gato, leão e urso completam a coleção *Meu livrinho*, feito para crianças na faixa de 4 a 7 anos. O trabalho está bastante criativo, agrada logo aos pequeninos e é mais um bom trabalho da RioGráfica Editora. O preço também é convidativo: apenas onze cruzetinhos. Até com minha mesada dá para comprar.



Cartas e publicações para esta seção: Caixa Postal 04-0092 - CEP 70312





Brasília  
Maria de  
Góes, personagem  
de "Aurora  
da Minha Vida"

**N**o correr deste ano, o brasileiro poderá assistir a 14 filmes de curta e média-metragem e, se os recursos forem suficientes, a quatro longas, produzidos com temática, locações e recursos humanos ligados à cidade e sua circunvizinhança.

Os curtas e médias são: *Brasiliários*, de Sérgio Bazzi e Zuleica Porto; *Meu Querido Diário*, de Fernanda Cobra; *Obscena*, de João Lanari; *Aurora da Minha Vida*, de Sérgio Moriconi e Gioconda Caputo; *Infância*, de Nevinho Alarcão; *Heins Forthman*, de Marcos Mendes; *Cora Doce Coralina*, de Vicente Fonseca e Armando Lacerda; *A Terceira Margem do Rio*, de José Acioli; *Serra Velha dos Cristais e Papagalos de Guerra*, ambos de Jorge Martins; *Dívida Paga Com Sangue*, de Armando Lacerda e César Fonseca; *Conversa com Castelo*, Fazenda Pau

*D'Alho e Quem é Santos Dumont?*, os três de Pedro Jorge de Castro.

Os longas, que por terem processo de produção mais demorado, podem não ficar prontos este ano, são: *Conterrâneos Velhos de Guerra*, de Vladimir Carvalho; *Guerrilha do Araguaia*, de Ronaldo Duque (documentários); *O Círculo de Fogo*, de Geraldo Moraes e Admiráveis e Abomináveis, de Jotaerres Camargo (ficção).

Enquanto os cineastas trabalham, a maioria com poucos recursos, a Associação Brasileira de Documentaristas do DF (ABD) vive processo de reerguimento, já que sua última diretoria, liderada por Jefferson Albuquerque (Patativa do Assaré) desintegrou-se na segunda metade do mandato de um ano.

Nesta quarta-feira, assembleia da ABD-DF, que congrega 90 associa-

dos, deverá eleger a nova diretoria, desta vez encabeçada por Lyone Luccini, autor de *Antártida*, filme premiado no II Festival do Filme Brasileiro, em agosto de 84.

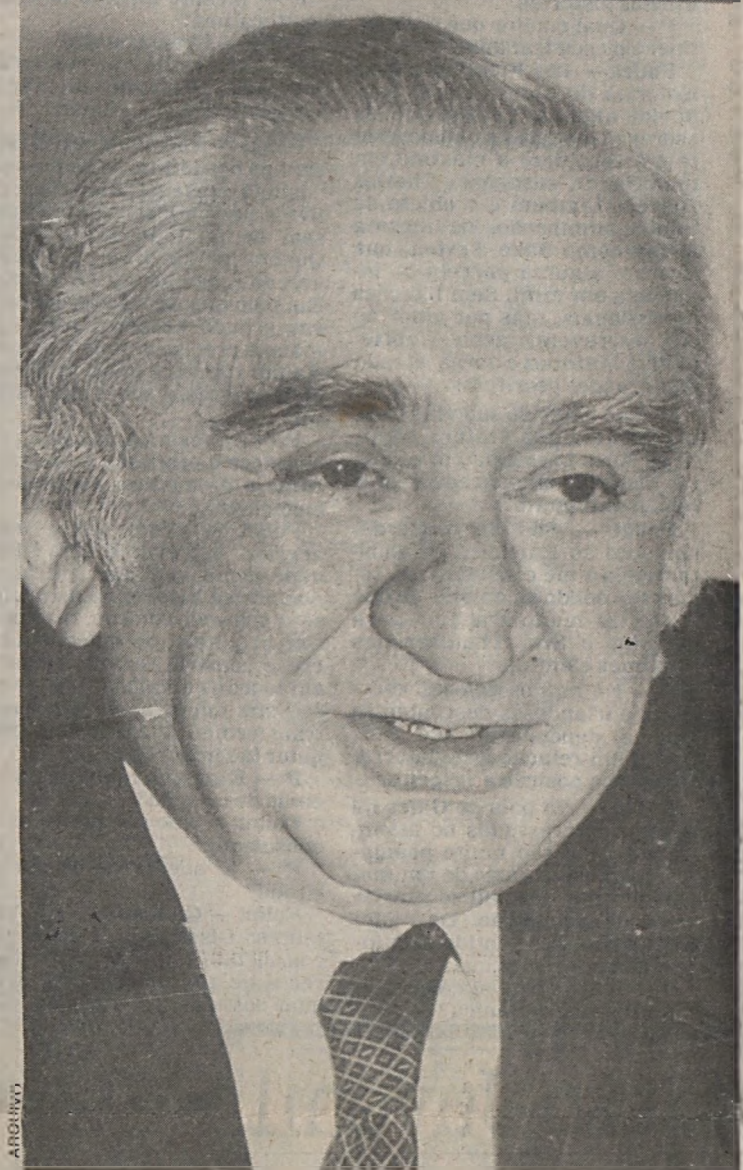
Algumas semanas após a eleição da diretoria da ABD, haverá eleição para a diretoria do Ceprocine (Centro de Produção Cinematográfica) onde se concentra parte dos equipamentos que possibilitam a realização de novos filmes brasileiros (uma moviola, pequeno parque de luz e duas câmeras, uma em 16 milímetros e outra em 35).

Falar no Ceprocine, no meio cinematográfico local, é levantar polémica antiga: este organismo deve ou não ser vinculado à ABD-DF? Para Romário Schettino, da Candango Produções, irritado com sucessivos problemas nos equipamentos do Ceprocine (em especial na moviola, on-

# F I L M BRAS

MARIA DO ROSÁRIO CAETANO  
Da Editoria de Cultura

Ferreira Gullar, Brasília Maria de Góes, Cora Coralina, a epopéia da construção da nova capital brasileira, os corredores do Setor de Diversões Sul, o popular Conic, são alguns dos temas de novas realizações do cinema brasileiro, que deverão chegar aos festivais no correr deste ano. Aos cinemas comerciais, dificilmente chegarão, por serem produções em 16 milímetros, de curta e média-metragens



Castelinho conversa com Pedro Jorge sobre história brasileira

**B**rasília é o tema e cenário da maioria das produções que estão em fase de filmagem, finalização ou lançamento: *Brasiliários*, *Obscena*, *Aurora da Minha Vida*, *Meu Querido Diário*, *Infância*, *Heins Forthman*, *Dívida Paga com Sangue*, *Conversa com Castelo* e dos longas *Admiráveis Abomináveis* e *Conterrâneos Velhos de Guerra*. Os outros ficam na região Centro-Oeste (Cora Doce Coralina e círculo de Fogo, em Goiás Velho; e a Terceira Margem do Rio, no Araguaia). Só dois curtas de Pedro Jorge têm temas ligados à História e à Arquitetura? (Quem é Santos Dumont? e Fazenda Pau D'Alho).

*Brasiliários*, 10 minutos, é a estréia no 16 milímetros da diretora Zuleica Porto, autora dos festejados *Caleidoscópio* e *O Crime Azul*, ambos em 8-8. E, também, a estréia cinematográfica do crítico do CORREIO BRAZILIENSE, Sérgio Bazzi. Juntos, Zuleica e Sérgio elaboraram o roteiro, tomando escritos de Clarice Lispector (1925-1977) como fonte. No filme, Cláudia Pereira interpreta as emoções vividas por Clarice nesta cidade que a intrigava e assustava. A fotografia é de Jacques Cheuiche e a montagem de Hugo Franco. A trilha sonora é de Guilherme Vaz e a produção de Romário Schettino e Cláudia Pereira.

O projeto nasceu em 1983, quando Sérgio e Zuleica escreveram o roteiro. As afinidades mostraram-se tão evidentes, que resolveram desenvolver direção a quatro mãos. Com o prêmio no concurso Ceprocine/FCDF, as filmagens aconteceram em julho passado. As dificuldades com equipamentos foram grandes, lembra Sérgio, e tornaram-se, ainda maiores, nas etapas seguintes: laboratório e montagem. As mesmas dificuldades previstas para a finalização. Para tais etapas, os produtores recorreram a um empréstimo no BRB e conseguiram apoio da IBM. Mesmo assim, os problemas financeiros continuaram e se agravaram devido aos constantes estragos na moviola do Ceprocine. Enquanto isto, lamenta Bazzi, fica o desgaste de estar esperando a conclusão do filme, há meses. O primeiro prejuízo: *Brasiliários* não ficará pronto a tempo de participar do Festival de Gramado (as inscrições encerram-se no dia 10 de março, e o certame acontece de 7 a 13 de abril). Apesar do desgaste, Bazzi es-

tá entusiasmado com o resultado do filme:

— *Brasiliários* talvez possa ser definido como um passeio poético e antiturístico por Brasília, tendo como cicerone uma escritora/forasteira. Clarice Lispector esteve aqui por apenas duas vezes (62 e 74), duas rápidas temporadas que foram suficientes para ela desvendar a cidade, num texto delirante — do qual utilizamos apenas algumas frases. Tentamos fugir do "literário", ou seja, nos recusamos a usar o texto como suporte das imagens. Na verdade o texto foi apenas um pretexto, ou seja, um ponto de partida e não um ponto de chegada. *Brasiliários* pretende ser não uma adaptação literária, mas sim uma recriação cinematográfica do texto de Clarice.

### INFÂNCIA

*Infância*, filme de Nevinho Alarcão, pode ser uma das boas surpresas deste ano. Brasileiro, nascido em 1958, tempos pioneiros, ele se apaixonou pelo cinema. Na UnB, onde estuda no Departamento de Comunicação, preparou roteiro tendo a cidade como tema. Colheu imagens na Rodoviária e viu o projeto crescer, a ponto de ser premiado no Concurso de Roteiros Ceprocine/FCDF.

No projeto que está em fase final de filmagem, Nevinho Alarcão toma Ferreira Gullar como um dos pontos de sustentação do filme. No Rio, colheu longo depoimento do criador do Poema Sujo, que será amalgamado com imagens de violões da Ceilândia, flashes da vida na Estação Rodoviária (em especial de seus fotógrafos lamberlambe), e é claro, da arquitetura de Niemeyer.

O nome *Infância* vem de reminiscências do cineasta, que viveu Brasília desde as primeiras horas. Gullar entra como primeiro diretor da Fundação Cultural. A cidade destaca-se com seu espaço e imagens, como cenário especial, onde a Rodoviária é a gênese de tudo. Afinal, foi de um trabalho na Universidade, na busca de material dramático na Estação Rodoviária, que nasceu *Infância*.

Nevinho Alarcão calcula em 60 milhões de cruzeiros o custo total de seu filme, que ele quer ver finalizado em agosto, para participar da Jornada de Cinema de Salvador (setembro) e do Festival de Brasília do Cinema Brasileiro (outubro). O filme conta com um único ator, que insere momentos ficcionais no documentário (Delson Antunes), tem co-produção de Vladi-

mir Carvalho, fotografia de Marcos Eurício, assistência de direção de Valério Borges; assistência de produção de Wladimir Dina, Luis Gomes e Margareth Vitória.

### AURORA

Outro filme que tem muito a ver com Brasília é *Aurora da Minha Vida*, de Gioconda Caputo e Sérgio Moriconi. O filme parte de personagem muito especial na história da cidade — Brasília Maria de Góes — a primeira criança registrada na nova capital, em 21 de abril de 1960, e batizada por Juscelino Kubitschek. Os autores do filme foram a Ceilândia, 25 anos, depois encontrar Brasília, hoje uma mulher casada, residente no Setor P, em casa doada pelo Governo. Ela trabalha como atendente no Centro de Saúde de Ceilândia.

*Aurora da Minha Vida* é um misto de documentário e ficção, que utilizará cenas de cinejornais da época da construção de Brasília, e que deverá ficar pronto antes da Jornada de Cinema de Salvador. O filme tem fotografia do goiano Antônio Segatti (autor da magnífica fotografia de *Antártida*, de Lyonel Luccini), som de Alberto Nascimento, assistência de produção de Márcio Curi (que fará, ainda, a montagem).

Originalmente, o filme de Gioconda e Moriconi se chamaria *Desperta o Gigante*. Aliás, foi com este título que foi premiado no concurso de roteiro do Ceprocine/FCDF. Depois, os autores resolveram mudar o nome para *Aurora da Minha Vida*, verso da poesia *Meus Oito Anos*, de Casimiro de Abreu. Sérgio Moriconi acha o título interessante na medida em que o poema do romântico Casimiro traz visão idealizada da infância. Uma visão que estará no filme, só que somada ao outro lado, o da realidade crua e dura. Lado aliás, que Italo Moriconi, irmão do cineasta, expressou num poema publicado na revista José, onde mostra a outra face da infância — o período penoso de construção da identidade, dos traumas, das inseguranças.

Gioconda lembra que o nome do filme "está sujeito a mudanças, se houver algum impedimento autoral". Lembrando, por exemplo, o texto de Naum Alves de Souza, enorme sucesso teatral. Sérgio torce para que não haja impedimento, pois o título enriquece a idéia do filme.

— E que idéia é esta?

Moriconi: Nossas pesquisas mostraram que Brasília Maria

## Som de Guilherme Vaz

Guilherme Vaz está de volta a Brasília, depois de longa ausência. E agora, veio, espera-se, para ficar. Sua volta se faz presente na trilha sonora do filme *Brasiliários* e na Escola de Música, onde coordena o recém-criado Núcleo de Música Contemporânea.

Brasiliense de primeira hora, este mineiro (de Araguaia) faz parte de uma geração que viveu a utopia de Brasília, no calor da hora de sua implantação. Foi aluno dos mitológicos CIEM (Centro Integrado de Ensino Médio) e ICA (Instituto Central de Arte) da UnB. Com a crise desta Universidade, viu-se obrigado a transferir-se para Bahia, onde concluiu seu curso de Música. De Salvador, rumou para o Rio de Janeiro. E foi no Rio, no final dos anos 60 e correr dos anos 70, que mostrou seu talento, transformando-se numa das vozes da vanguarda brasileira, através de instigantes trilhas sonoras para cinema. Cuidou dos sons e ruidos de dois filmes de Nelson Pereira dos Santos (*Fome de Amor* e *Azyllo Muito Louco*); de Júlio Bressane (*O Anjo Nasceu*), Antônio Carlos Fontoura (*A Rainha Diaba*), André Faria (Prata Palomares), Vera Figueiredo (*Feminino Plural*), e Paulo Matins (*Ipanema Adeus*). No terreno do curta-metragem, musicou dois filmes de Lyonel Luccini (*Taim* e *Antártida*), um de Leonardo Bartucci (*Via Crucis*) e agora, *Brasiliários*.

Sobre o trabalho mais recente, Vaz comenta: "O Sérgio Bazzi, desde a fase de roteirização do filme, esperava contar com a minha participação na feitura da trilha sonora. Ele conhecia meu trabalho e, em especial, a trilha de *O Anjo Nasceu*. Dentro da percepção dele, *Brasiliários* teria intervenções musicais na linha das obras do Bressane. Vi, então, as imagens no copião e senti que o filme precisava de arrojada banca sonora para tornar-se ainda mais forte. Para criar a trilha de *Brasiliários*, trabalhei sobre a afetividade, que perpassa o filme num clima meio surreal".

Agora que está radicado na cidade, Guilherme escreve roteiro e deve dirigir, brevemente, seu primeiro filme (um curta-metragem). Prepara-se, também, para ministrar curso sobre som e cinema, no Cineclube Glauber Rocha, que funciona no Instituto Nacional do Livro (INL, 507 Sul). Só pelo título, já dá para saber que vem novidade por aí: *Som em Cinema — Contraponto Bestial*.

No mais, o músico contemporâneo, ele é, continua atuando. Neste momento, prepara concerto inteiro para apresentação, ainda este ano, no Teatro Nacional, e trabalha na Escola de Música de Brasília.

Aliás, o trabalho na EMB deixa Guilherme eufórico: "a nova direção, coordenada por Carlos Galvão, virou a Escola de cabeça para baixo, transformando-a na instituição do gênero mais moderna do país. Estou me colocando inteiro e de maneira muito feliz no meu trabalho no Núcleo de Música Contemporânea. É fascinante o contato com alunos, muitos oriundos das cidades-satélites. É incrível vê-los em criativo confronto com as linguagens musicais mais avançadas do século XX".

Neste contexto Guilherme torce para que "a experiência da EMB continue e possa dar os frutos planejados cotidianamente". Afinal, arremata, "no Brasil, as investidas no novo costumam ser muito instáveis".



Guilherme Vaz

de Góes, durante boa parte de sua vida, serviu como símbolo da nova capital. Por isto, ela criou muitos sonhos e expectativas. Desses sonhos, nenhum se realizou, já que hoje ela vive modestamente, numa casa no Setor P. Quando ela fala de seus sonhos, lembra que queria ter cursado a universidade, enfim, vivida a vida que ela experimentou por uma noite, quando dançou a valsa dos 15 anos com o governador Elmo Serejo Farias.

Esta cena, aliás, lembra Gioconda, será recriada ficcionalmente; tendo ao fundo painéis do artista plástico Paulo Andrade. Brasília será interpretada pela atriz Carmem Morethron. O painel de Andrade sintetizará, em cores vivas, o Brasil dos anos 60, quando Brasília tornou-se realidade. Índios, balles debutantes, concursos de misses, a arquitetura de Oscar Niemeyer, o presidente pé-de-valsas que os mais íntimos chamavam Nonô, unem-se com força simbólica, em busca de um tempo em que o Brasil queria crescer

### 50 ANOS EM CINCO

O depoimento colhido pelos cineastas, em Ceilândia, mostra Brasília com seu discurso pontilhado de contradições. Ela lembra a infância; o pai, transportador de verduras, a valsa dos 15 anos, momentos de sonho e momentos de dura realidade.

— Queremos, no filme, confundir a vida da menina Brasília com a cidade. Afinal, ambas se alimentaram e se alimentam de sonhos e de realidade. No próprio depoimento de Brasília Maria há um trecho onde diz que se sente como se fosse duas Brasília. Quando está na Ceilândia, é uma, quando está no Plano Piloto, é outra.

Moriconi prevê que *Aurora da Minha Vida* tenha duração de 15 minutos e custo médio de 60 milhões de cruzeiros.

### DÍVIDA E SANGUE

A dupla Armando Lacerda e César Fonseca, que realizou o curta *Arraes Tai*, volta, este ano, com novo filme: *Dívida Paga Com Sangue*, cujo intérprete

constituiu-se em atração especial. O personagem deste curta que tem nome de filme de bang-bang é Aluisio Mendes, o Batata, que morreu dois anos atrás, no início de uma carreira das mais promissoras.

Armando Lacerda não tem grandes projetos para o filme. Nem pensa inscrevê-lo em festivais.

— Este filme tem um valor afetivo. O importante é arquivar uma cópia no Teatro Aluisio Batata (no Centro de Convenções) e ter uma cópia. O filme não foi concluído segundo o roteiro, porque o Batata morreu durante as filmagens. E claro que encontramos situação que fecha o filme e nos satisfaz. Mas reafirmo que é um filme muito especial.

César Fonseca, autor do roteiro, prefere sintetizar o filme com o entusiasmo de quem o viu dezena de vezes na moviola e gosta muito do resultado: "*Dívida Paga com Sangue* é um roteiro do subdesenvolvimento econômico do Terceiro Mundo. O indivíduo, como não poderia deixar de ser, encontra-se em situação semelhante à do seu próprio país, isto é, durango kid".

### E narra o desdobramento da história:

— Do alto de seu pobre apartamento, fumando um baseado, o personagem de Batata observa a cena lá em baixo. Passeata de trabalhadores, FMI, arrocho salarial, melhores condições de vida, desobediência civil ao status quo, apelo em favor da nacionalização dos bancos, fim da agiotagem.

Telefone toca. E o gerente cobrando uma velha dívida. Batata está com um velho papagaio no banco. Não tem como pagar. Choro de crianças, mulher gritando. Como pagar. Faca na cintura, Batata veste o paletó e sai pra rua. Pega um ônibus e acompanha, no trajeto, a miséria social: passeata, pedintes, crianças abandonadas e lavadores de carro.

Ônibus pára atrás do Congresso. Batata entra no Senado. Depoimento de Delfim. Rola o papo de submissão ao FMI. Justificativas oficiais sobre a presença de Ana Maria Jul vasculhando as finanças. A tudo, o olhar de desdém do pobre endividado.

Cabeça cheia, humilhado, pensando na penúria familiar, revirando papéis velhos, refazendo contas antigas, Batata retoma o seu roteiro, Brasília passando nos seus olhos, paisagens, jardins, beleza do cerrado.

Setor Comercial. No Banco: gerente (Pingão), inquieto, autoritário, manda Batata entrar



Cláudia Pereira em "Brasiliários"

Vladimir Carvalho e Ronaldo Duque prepararam filmes que devem chegar aos festivais, até março de 86. Quem conta a saga Brasília em "Conterrâneos Velhos de Guerra", Geraldo fogaréu em Goiás Velho. Duque narra epopéia do Araguaia, em "Dívida Paga Com Sangue".



Cora Doce Coralina, num filme



de Hugo Franco monta **Brasilários**, "o organismo deve ter vida própria e não depender, de forma alguma, da ABD-DF".

Para justificar sua posição, Schettino narra os acontecimentos que envolvem a realização de **Brasilários**, filme que ele produz: "Nosso projeto foi premiado no Concurso Ceprocine — Fundação Cultural, e, segundo o regulamento do prêmio, teríamos direito a usar refletores, moviola, câmera, enfim, o equipamento do Centro. Só que na hora da filmagem não havia lâmpada nos refletores. Na fase de montagem, a moviola apresentou problemas sucessivos. Para que não se retarde, ainda mais, a montagem do filme, tive que subsidiar a compra de corréias e o conserto que exigirá a presença, em Brasília, de um técnico paulista".

Tais problemas, no entender do

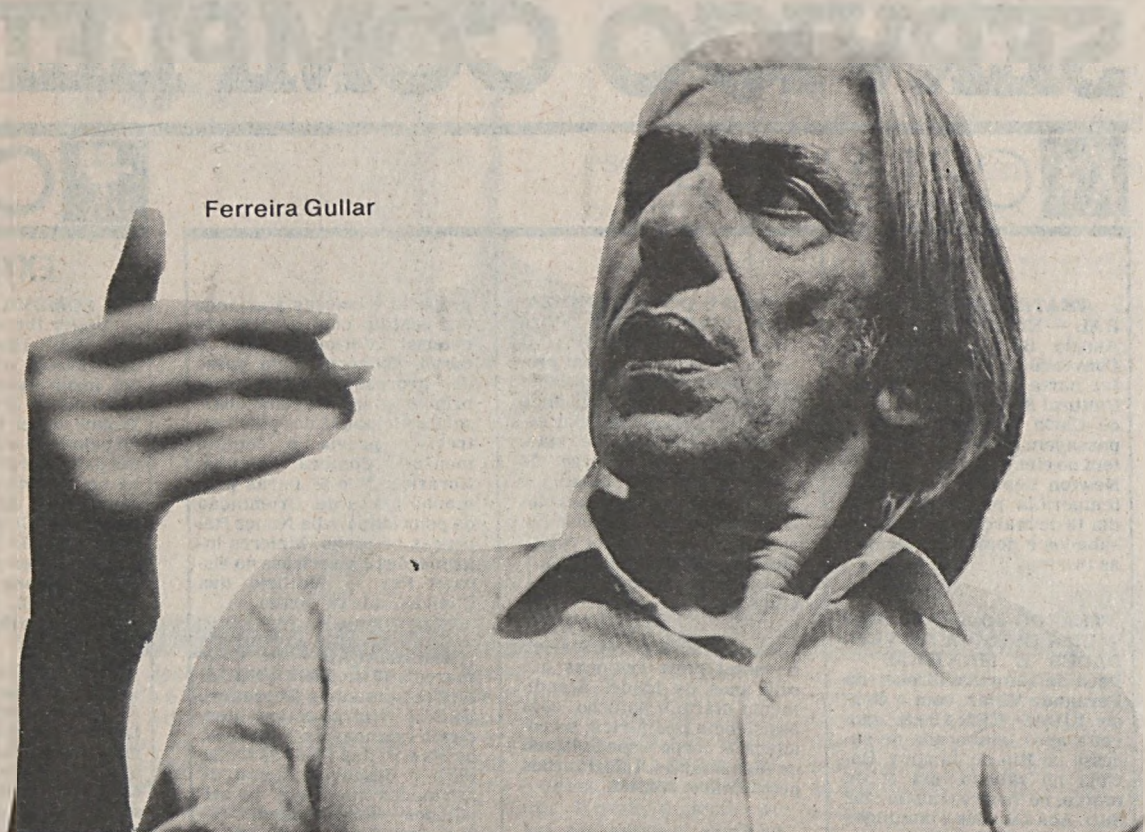
produtor de **Brasilários** são consequência da G Vinculação do Ceprocine à ABD, pois se a diretoria desta entidade sofre problemas de continuidade, por exemplo, eles acabam inflando no Centro. Ou até imobilizando-o, como acontece atualmente".

Para dar ao Ceprocine autonomia total, Romário propõe "imediate revisão dos estatutos da entidade". Só assim, acredita, não nos verenos na situação de hoje, quando os três diretores do Ceprocine (Marcelo Torres, Marco Orsini e Jorge Martins Rodrigues) estão ativos, mas acabam envolvidos com os problemas do estacelamento da diretoria da ABD".

A vinculação do Ceprocine à Associação dos Documentaristas, no entender de Romário, causa "distorções absurdas".

— Um dos diretores do Ceprocine, ao saber dos problemas financeiros deixados para a ABD, pelo estacelamento de sua diretoria, queria reter o dinheiro dos prêmios do Concurso de Roteiros, argumentando que seria usado no pagamento de dívidas da Associação. Isto não aconteceu porque defendemos nossos direitos argumentando que não tínhamos responsabilidade sobre a atual situação.

Sérgio Moriconi, autor de **Carollino Leobas e Perseghini**, é favorável à manutenção do vínculo entre Ceprocine e ABD, por entender que "esta vinculação política garante o apoio ao filme cultural. Se tal vínculo for desfeito, acredita ele, o Ceprocine se transformará numa produtora como outar qualquer, voltada para a produção de filmes comerciais".



Ferreira Gullar

# A N D O SÍLIA



s", de Sérgio Bazi e Zuleica Porto

no, Geraldo Moraes, Jotaerres Camargo de longa-metragem, ao circuito dos festivais próximo ano. **Mãe da construção de terrâneos Velhos de filme a procissão do Velho**, com Paulo Jobisódios da **Guerrilha Xambioá**". Camargo mo em "Admiráveis,

sem olhá-lo. "Senta aí". Está dependurado no telefone, ameaçando Delim Netto e Ernane Galvêas. "Se não me pagarem acabo com vocês, eu manipulo os cordeis da política econômica do Brasil. Corte, Telefone toca. "General"! O gerente tinha um esquema de corrupção com alguns militares. Emprestei, melhor dou, terrenos em Mato Grosso. Fica sabendo que o país honrará a dívida de qualquer jeito, mesmo que através do sacrifício do povo. "General, o sr. é o máximo". Batata escutando.

Telefone no gancho. Papo do gerente com Batata. Este explica: não posso pegar. Se vira, rebate o gerente. Vocês já levaram tudo que eu tinha, não posso entregar nem pagar mais nada. "O sacrifício é uma necessidade inevitável. Bate-boca infernal por alguns segundos. Batata puxa a faca e desfere violentos golpes. Pingo estribucha. O sangue escorre. A dívida está paga".

## OBSCENA

O cineasta João Lanari acaba de realizar seu segundo filme, tendo Brasília como tema e espaço: **Obscena**. O primeiro foi **Mínima Cidade**. A nova produção foi realizada em 16 mm, tem 10 minutos de duração, fotografia do paulista Chico Magaldi, elenco brasileiro, montagem de Hugo Franco e pretende ser "um filme que recree os clichês do cinema policial dos anos 50".

A história se passa no Setor de Diversões Sul, nos edifícios do CONIC. Lá o personagem vivido por Alexandre Ribondi caça, pelos corredores, uma moça interpretada por Ligia Verdi. Ele consegue capturá-la e le-la a um escritório, onde pretende esturpá-la. O que é feito. A seqüência, porém, é ambígua, pois a moça, mesmo vivendo processo de violência, chega a ter prazer. E neste processo há um terceiro personagem, interpretado por Luis Guilherme. Ele participa da orgia, que culmina com o assassinato da moça e... ao final, os dois rapazes se beijam. Esta trama será embalada em tom de brincadeira com a sexualidade, num clima meio thriller, em preto-e-branco marcado por claros e escuros, lançando mão de estrutura que rompe com a expectativa do público.

Lanari, que é diplomata e professor na UnB, está de partida para os EUA, onde servirá no Consulado de Nova Iorque. Ele leva o filme debaixo do braço, para que lá seja feita a transcrição do som magnético

## Mais quatro longas

Se tudo der certo, até o final do ano, mais tardar no início de 87, a cidade poderá assistir às pré-estréias de quatro longas. O primeiro a ficar pronto deve ser **Admiráveis Abomináveis**, filme de ficção de Jotaerres Camargo, responsável por dois médias, **Rejeição** e **Clube da Existência**.

Jotaerres é um caso raro no cinema brasileiro. Mergulhado em seus conflitos interiores e numa singular visão do mundo, ele continua, apesar de todas as dificuldades, realizando filmes incompreensíveis para uns e engraçados para outros.

Desta vez, fará um filme de 70 minutos, que deverá ser fotografado pelo experiente Antonio Segatti e estrelado por atores de teatro brasileiros. Mais uma vez, seu roteiro gira em torno de "pessoas consumidas opondo-se a pessoas que acreditam numa vida livre do império do consumo".

Outro filme que pode ficar pronto este ano é **Xambioá — Guerrilha do Araguaia**, de Ronaldo Duque. O cineasta cuida, nesta quinzena, da realização in loco das entrevistas finais, necessárias para rememorar a saga de um grupo de guerrilheiros do PC do B (Partido Comunista do Brasil) que instalou a guerrilha em regiões do Rio Araguaia, gerando um dos episódios menos conhecidos da história brasileira, tamanho foram a repressão e o segredo que os militares lhe impuseram. Se tudo der certo, o montador Márcio Curt sentará, na moviola, no próximo mês, e, no segundo semestre, **Xambioá** chegará aos festivais.

O cineasta Geraldo Moraes, autor de **A Dificil Viagem**, já está com as mãos na massa para realizar seu segundo longa: **O Círculo de Fogo**, estrelado por Paulo José, Cássia Kiss (a confirmar), Roberto Bonfim, Edney Glovenazzi, Malu Moraes, Venerando Ribeiro, Sheila Aragão, entre outros. Com o fotógrafo Walter Carvalho, Geraldo parte, na semana Santa, para as primeiras cenas do filme (que na montagem serão as últimas), em meio às celebrações da Procissão do Fogaréu, em Goiás Velho. O ator Paulo José já está se preparando para estrelar o novo filme de Moraes, professor da UnB, que calcula gastos de três bilhões de cruzeiros na nova produção. 1986 marcará o final das filmagens de **Contrâneos Velhos de Guerra**, quarto longa-metragem de Vladimir Carvalho (O País de São Saruê, o Hm de Areia e Evangelho Segundo Teotônio). Há 14 anos que Vladimir documenta, por conta própria, acontecimentos da história de Brasília, em especial a epopéia dos nordestinos, seus contrâneos, que ajudaram a erguer a mais moderna cidade do mundo.

Para encerrar o filme, o cineasta encontrou a hora adequada: as primeiras eleições da história de Brasília, em novembro próximo, quando serão eleitos oito deputados e três senadores. A partir de tal documentação, Vladimir terá, nas mãos, 12 horas filmadas, que serão sintetizadas num filme de menos de duas horas. Primeiro, ele fará uma pré-montagem. Depois, com Eduardo Leoni, da USP, ocupará os meses de dezembro, janeiro e fevereiro na montagem desta sonhada "saga de Brasília, da construção da cidade à construção da cidadania". Mas há um detalhe: se não conseguir recursos para filmar as eleições de novembro e finalizar o filme, Vladimir terá que esperar mais algum tempo, além de procurar outro desfecho para sua saga.



Vladimir Carvalho

para o ótico, conseguindo qualidade de primeira grandeza. Dentro de um mês, no máximo dois, espera ter cópias prontas. Espera, ainda, que o filme seja premiado pelo júri do Concine (Conselho Nacional de Cinema), de forma que consiga ampliá-lo para 35 milímetros e mostrá-lo ao público. E conclui: "Fiz este filme tendo como público-alvo, o espectador comum. Aquele espectador desprevenido, que vai ao cinema ver um longa-metragem e encara o curta como uma pilula obrigatória".

## DIÁRIO QUERIDO

Brasília é, também, o cenário de **Meu Querido Diário**, filme de estréia de Fernanda Cobra, estudante de Comunicação da UnB. A autora, depois de dois anos de batalha, está com o filme concluído. Semana passada, promoveu sessão fechada para amigos, que classificaram sua estréia como promissora, vislumbrando no filme momentos de grande qualidade.

**Meu Querido Diário** tem roteiro de George Duarte e Fernanda Cobra. Fernanda cuidou, ainda, além da direção, da produção executiva e da montagem. O filme foi fotografado por Jorge Martins Rodrigues. O som é de Francisco Pereira de Souza e no elenco estão Maria Coeli e B. de Paiva, nos papéis principais e vários atores coadjuvantes, todos brasileiros.

Fernanda fala de seu trabalho: "Meu Querido Diário aborda o problema da classe média, que nos anos 60/70, teve esperança no milagre brasileiro. Porém nos anos 80, vê-se destituída de esperanças e sem condições materiais para o consumo. A personagem central, Mercedes Maria, assume este desespero e consome tudo o que acha ter direito, no dia em que teve oportunidade de fazê-lo. Ela é uma mulher que não tem objetivo de vida, pois os filhos já cresceram, tornando-se universitários. O marido é um burocrata de ministério, que não tem mais tempo para ela".

Com este filme, Fernanda pretende atingir, em especial, o público feminino, por abordar os problemas de uma mulher de 50 anos, que se vê sem perspectiva de vida, mas carregada de fantasias. Sem no entanto, poder concretizá-las.

## FORTHMAN

O cineasta Marcos Mendes, autor de **Seu Ramulino**, está realizando um média-metragem (**Heins Forthman**) que pretende, em 40 minutos, mostrar um pouco da vida do fotógrafo, professor e diretor de cinema alemão, radicado no Brasil desde os 17 anos. Forthman nasceu em Hannover, em 1915, e morreu em Brasília, em 1978.

Marcos Mendes conheceu-o como professor da UnB, onde foi um de seus alunos mais dedicados. No começo dos anos 80, o cineasta estava em Paris, cursando pós-graduação em cinema e já alimentava a idéia de realizar filme onde pudesse mostrar parte do acervo cinematográfico e fotográfico de Forthman.

Hoje, já conta com uma hora e 15 minutos de material filmado. Grande parte compõe-se de depoimentos de amigos do alemão que escolheu o Brasil para viver quase 50 anos de sua vida. Sobre ele, falam o cineasta Vladimir Carvalho, os antropólogos Darcy Ribeiro e Roberto Cardoso de Oliveira; os fotógrafos Luis Humberto e Domingos Lamônica e a viúva, Dona Rosa Forthman. Mendes vai colher, ainda, depoimentos dos caciques Takuman e Kanoto, de nações xinguanas onde Forthman desenvolveu importante trabalho de documentação etnográfica, e do sertanista Orlando Villas-Boas.

Heins Forthman, que tem fotografia de Tukur Marçal e José Mauro, e sim de Alberto Nascimento e Sílvia Alencar, montagem de Manfred Caldas, e still de José Barra, deverá ficar pronto em setembro, a tempo de participar da Jornada de Cinema da Bahia. O cineasta pretende, ainda, levar o filme ao Festival do Cinema do Real, na França, que nutre interesse especial pelo filme de documentação etnográfica. O novo filme de Marcos Mendes tem em sua estrutura, quatro tipos de material: trechos dos filmes de Forthman, como **Karup**, **Funeral Bororo** e **De Pé no Chão Também Se Aprende a Ler**; fotos de sua vida na Alemanha e no Brasil; depoimentos de pessoas que conviveram com ele; e documentação de locais onde trabalhou, como o Museu do Índio e o Departamento de Comunicação da UnB.

O cineasta espera que seu filme chegue à TV e que seja visto em circuitos cinematográficos especiais como o universitário, em especial entre interessados por Fotografia, Cinema e Antropologia.

## CASTELINHO

O cineasta Pedro Jorge de Castro, que está se preparando para lançar, em que vem, no Nordeste e Extremo Sul, o filme de longa-metragem, **Tigiplô**,

ARQUIVO



Aluisio Batata: a lembrança em Dívida Paga com Sangue

Aos poucos jovens realizadores vão documentando a paisagem e a gente brasileiros, em filmes de curta e média-metragens. A cidade futurista, cercada de favelas, continua intrigando o imaginário da maioria. Por isto, as novas produções falam dos pioneiros nordestinos, da "Cindere-la" candanga que dançou com o Governador, dos projetos dos idealizadores da nova Capital e de cordelistas de Ceilândia.

de franceses que conviveram com Santos Dummont e registrou lugares freqüentados, cotidianamente, por ele.

Para concluir o filme, o cineasta registrará cenas em Petrópolis e Minas Gerais, onde Santos Dummont viveu, e colherá depoimentos de brasileiros sobre sua vida e paixão pela aviação. Deve fazer isto este ano, enquanto cuida do lançamento nacional de **Tigiplô** e prepara seu segundo longa: **A Décima Noite**, baseado na obra de Josué Montello.

## CENTRO-OESTE

O físico e professor da UnB, José Acioli terá, em breve, a cópia final de seu novo filme: **A Terceira Margem do Rio**, baseado num conto de João Guimarães Rosa. Realizado às margens do Rio Araguaia e numa fazenda perto de Aruanã, o novo filme de Acioli, 25 minutos, conta com elenco desconhecido, onde destacam-se quatro atores em papéis importantes e 15 em papéis coadjuvantes. O filme foi fotografado pelo goiano Naves Ximenes, com assistência de Marcos Eurício.

Acioli calcula que o custo final do filme seja de 130 milhões. Destes, ele entrou com a maior parte, somada ao prêmio do Concurso Ceprocine/FCDF e a uma ajuda da Fundação Balocchi.

O primeiro filme de Acioli, em 16 mm, **Cruviana**, também baseou-se em obra literária. Quando leu **A Terceira Margem do Rio**, apaixonou-se e quis logo filmá-lo. Os amigos desaconselharam, lembrando que era um conto de difícil recriação cinematográfica, por não ter, praticamente, ação nenhuma. O cineasta se impôs o desafio e concluiu que o resultado foi muito bom, embora lembre que o filme não tem grande apelo popular. **A Terceira Margem do Rio** trabalha com o mínimo de diálogos e os atores foram orientados por João Antônio, diretor de teatro brasileiro.

premiado nos Festivais de Brasília, do Rio e Havana, pretende terminar, este ano, três filmes de curta e média-metragens: **Conversa com Castelo**, **Fazenda Pau D'Alho** e **Quem É Santos Dummont?**

**Conversa com Castelo**, como o nome indica, é um longo bate-papo com o jornalista Carlos Castelo Branco, que será enriquecido pela inserção de imagens da vida em Brasília, colhidas nos últimos anos. A conversa vai do suicídio de Vargas até o governo Jânio Quadros. Quando Castelhino retornar dos EUA, onde está em tratamento de saúde, Pedro pretende retornar o projeto para filmar a segunda parte da conversa: de Jânio até a Nova República. Quando dispuser de todo material filmado, o cineasta decidirá se fará dois médias (de meia hora cada um) ou três curtas (**Conversas com Castelo I, II e III**).

**Fazenda do Pau D'Alho** é um filme em cores, de 9 minutos, realizado com apoio da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior), que documenta a arquitetura de uma fazenda dedicada à monocultura da cana, no interior paulista. A fazenda seria transformada num centro de trabalho, onde se alojariam profissionais ligados à Capes. O projeto não vingou, mas o filme está aí, já próximo da cópia final.

**Quem Foi Santos Dummont?** tem metade de seu material filmado em Paris (1979) onde Pedro Jorge colheu depoimentos